

Antonio Benítez
Rojo, Cuba e o
Caribe: do livro
La isla que se repite
à revista *Encuentro*
de la Cultura
Cubana

Vítor Kawakami

Recebido em: 16 de março de 2019

Aceito em: 12 de junho de 2019

Vítor Kawakami é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), com pesquisas sobre revistas literárias e culturais. Possui artigos em publicações de universidades colombianas, argentinas e brasileiras. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), atualmente desenvolve estudo sobre a revista *Encuentro de la Cultura Cubana*

Contato: vitorkawakami@usp.br
Brasil

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Benítez Rojo; Plantação; Pós-modernismo; Ensaio; *Encuentro de la Cultura Cubana*.

KEYWORDS: Antonio Benítez Rojo; Plantation; Postmodernism; Essay; *Encuentro de la Cultura Cubana*.

Resumo: Este artigo pretende colaborar ao estudo do ensaísmo produzido pelo escritor cubano Antonio Benítez Rojo sobre características da identidade cultural de Cuba e do Caribe, trazendo à discussão sua perspectiva pós-moderna trabalhada em *La isla que se repite* (1989), já tratada por Quiñones e Bonfiglio, assim buscando identificar um possível distanciamento posterior do ensaísta dessa filiação interpretativa. Para isso, baseia-se numa série de ensaios publicados pela revista *Encuentro de la Cultura Cubana* (1996-2009) dedicados principalmente ao tema “açúcar/escravidão”, que acabam por compor um painel discursivo sobre a resistência de intelectuais cubanos a aspectos do poder implantado desde a colônia pela economia de Plantação e atravessando, segundo o autor, os momentos republicano e socialista.

Abstract: This paper intends to collaborate with the study of the essayism produced by the Cuban writer Antonio Benítez Rojo about characteristics of cultural identity from Cuba and Caribbean, bringing to discussion his postmodern perspective worked on *La isla que se repite* (1989), which had already been discussed by Quiñones and Bonfiglio, seeking to identify a possible later detachment of this essayist from this interpretive affiliation. Therefore, it is based on several essays published by the magazine *Encuentro de la Cultura Cubana* (1996-2009) devoted mainly to the theme “sugar/slavery”, which end up composing a discursive panel from the resistance of Cuban intellectuals to aspects of power implemented since colonial period by Plantation economy, and crossing, according to the author, the republican and socialist moments.

Após a reedição em 1998 do livro *La isla que se repite* ocorrida em Barcelona, Jesús Díaz publicou uma resenha¹ na revista *Encuentro de la Cultura Cubana* em que procurou apontar os motivos do que considerou como “*flagrante injusticia*” (Díaz, 1999, 213) o fato de Benítez Rojo ser à época pouco reconhecido em língua espanhola, servindo-se para isso de figura metafórica tão cara ao ensaísmo do próprio autor do livro: não ter se beneficiado da “*maquinaria de construcción de prestigios de la izquierda oficial*” (Díaz, 1999, 213) ao iniciar suas publicações em Cuba; tampouco ter se favorecido da “*maquinaria de la disidencia*” após o exílio; e finalmente não ter contado com a “*maquinaria del mercado*” por nunca ter sido um escritor na moda literária.² Passados trinta anos da primeira edição (1989) de *La isla que se repite: el Caribe y la perspectiva posmoderna*, sabemos que essa obra de Benítez Rojo atualmente é referência obrigatória para estudiosos da cultura do Caribe em língua inglesa, francesa ou espanhola. Diante disso, parece-me um interessante exercício aqui reconhecer, por meio de evidências presentes em alguns ensaios publicados por Benítez Rojo ao longo dos anos na revista *Encuentro de la Cultura Cubana* (fundada por Jesús Díaz), certas perspectivas interpretativas adotadas por Benítez Rojo

1 “La clave de un gran universo literario”, publicada na seção “Buena letra” do número 12/13 da revista (1999), sobre a reedição em espanhol do livro pela Editorial Casiopea, conhecida como “*Edición definitiva*”. Para as considerações que aqui faço neste artigo, utilizo a primeira edição publicada nos Estados Unidos por Ediciones del Norte em 1989.

2 A ideia de “máquina” foi usada por Benítez Rojo para se referir aos diversos poderes territorializantes presentes na economia de Plantação, e foi retirada de Deleuze e Guattari (*O anti-Édipo*).

desde sua releitura do Caribe publicada em sua hoje reconhecida obra. Ao mesmo tempo, também creio ser proveitoso buscar identificar aquilo que Arcadio Díaz Quiñones (2007) propôs para a ensaística do cubano como uma maneira de “*trascender el discurso autoritario de la ‘nación’*” (Quiñones, 2007, 1) assim como o que sugeriu Florencia Bonfiglio (2014) como possíveis movimentos de variação teórico-crítica em seu trabalho com “*la intención de despegarse de su propia deriva ‘post’*” (Bonfiglio, 2014, 25).

De antemão, acredito ser necessário frisar que, ainda que a maioria dos ensaios de Benítez Rojo a que me refiro terem sido dedicados à cultura cubana e não propriamente ao Caribe e à integração de suas características culturais – algo que poderia ser plenamente justificável frente à linha editorial de *Encuentro de la Cultura Cubana* ocupada em discutir sobretudo questões ligadas direta ou indiretamente à identidade cubana –, é possível neles perceber que Benítez Rojo mantém uma leitura preocupada em estabelecer conexões entre os espaços local (cubano), regional (centro-americano) e global, dinâmica em que não podemos deixar de ver ecos da teoria pós-moderna do caos em seu processo de repetição repercussiva, à qual ele explicitamente se filia em *La isla que se repite*.³ Nesse sentido, aquilo que poderia aparentemente desabilitar este nosso exercício pelo motivo de os conteúdos dos ensaios do cubano publicados na revista não se ocuparem de maneira frontal da cultura caribenha, em realidade,

3 Ainda que, na opinião de Arcadio Díaz Quiñones (2007), talvez seja mais produtivo hoje ler essa teoria como parte da poética de Benítez Rojo. Se neste exercício insisto em a ela me referir, é porque a vejo como origem da ideia de “repetição” usada nos ensaios do cubano.

como perceberemos, acaba por se mostrar bastante útil para a observação de algumas variações nas características discursivas do autor. Vale ainda lembrar que em *La isla que se repite* ele se utiliza de maneira frutífera de um cânone literário fortemente cubano (Guillén, Ortiz, Carpentier) para refletir acerca da cultura do Caribe, artifício que o ajudou a proporcionar as bases de sua perspectiva teórica pós-moderna e que por isso aqui considero também importante brevemente revisita-la, identificando alguns aspectos que colaboram com nossa abordagem aos referidos ensaios.

UMA CULTURA “DE CIERTA MANERA”

Ao propor que um importante diferencial da cultura caribenha está no fato de ela ser aquática e não terrestre, Benítez Rojo em *La isla que se repite* identifica o Caribe com o “*reino natural y impredecible de las corrientes marinas*” (Rojo, 1989, 14), abrindo sua releitura à irregularidade, à instabilidade ou à imprevisibilidade sustentadas pelo discurso da acima mencionada teoria do caos,⁴ “*donde toda repetición es una práctica que entraña necesariamente una diferencia y un paso hacia la nada*” (Rojo, 1989, 14). Dessa forma, ele encontra em “*los contornos de una isla que se ‘repite’ a sí misma*” (ibid., 4) o princípio propagador da natureza cultural do meta-arquipélago caribenho, que “*como tal tiene la virtud de carecer de límites y de centro*” (ibid., 5). “*Pueblos del Mar*” denominou aos navegantes desses “*mares*

4 Ver, na primeira edição do livro em espanhol, o apêndice com sua “Noticia bibliográfica sobre caos”, em que poderíamos destacar autores como James Gleick, Thomas S. Kuhn e até mesmo Jean-François Lyotard e René Girard.

del tiempo” (ibid., 21), reforçando o recurso da “*metaforización marítima*” que Bonfiglio (2014, 21) associa a uma operação transculturadora de “*inscripción de una marca regionalista*” (Bonfiglio, 2014, 21) comum aos discursos de outros pensadores do Caribe como o barbadiano Kamau Brathwaite e o martinicano Édouard Glissant.

Seguindo ainda essa lógica transculturadora nos ensaios que compõem o livro,⁵ ao tratar das prováveis origens da cultura caribenha, Benítez Rojo opõe-se a ter que escolher entre o que chamou de “*supersincretismo*” para o encontro de componentes europeus, africanos e asiáticos no interior da Plantação ou a investigação etnológica que teria que buscar uma gênese da cultura nos “*subsuelos de todos los continentes*” (Rojo, 1989, 16). Frente a essa dicotomia, o cubano a evita ao se perguntar: “*¿por qué no tomar ambas alternativas como válidas, y no sólo esas sino otras más?*” (Rojo, 1989, 16). Tal proposição ajuda-o a afastar-se de qualquer essencialismo identitário, assim abrindo espaço para a justificativa do enriquecimento cultural a partir das diferenças:

La cultura es un discurso, un lenguaje, y como tal no tiene principio ni fin y siempre está en transformación, ya que busca constantemente la manera de significar lo que no alcanza a significar. Es verdad que al ser comparado con

5 Recordemos que Benítez Rojo sugere o “Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar” como texto pós-moderno, e Fernando Ortiz como “*un precursor de la posmodernidad en Hispanoamérica*” (Rojo, 1989, 158). Dentre os possíveis motivos, estaria o de Ortiz reconhecer que “*el conocimiento científico y el conocimiento tradicional coexisten en estados de diferencias*” entre os povos pancaribenhos (ibid., 33).

otros discursos de importancia – el político, el económico, el social –, el discurso cultural es el que más se resiste al cambio. Su deseo intrínseco, puede decirse, es uno de conservación, puesto que está ligado al deseo ancestral de los grupos humanos de diferenciarse lo más posible unos de otros. De ahí que podamos hablar de formas culturales más o menos regionales, nacionales, subcontinentales y aun continentales. Pero esto en modo alguno niega la heterogeneidad de tales formas. Un artefacto sincrético no es una síntesis, sino un significativo hecho de diferencias (Rojo, 1989, 26-27).

E sabemos também por meio de *La isla que se repite* que outra significativa singularidade caribenha (e cubana) está na economia de Plantação, que, como bem disse Jesús Díaz, trata-se da “*columna vertebral de La isla...*” (Díaz, 1999, 213). O binômio açúcar/escravidão, para além do convite às suas revisões historiográficas ou etnográficas, em realidade se mostrou a Benítez Rojo como uma poderosa entrada para desvendar o grande relato cultural de onde surgiram obras fundamentais dos nacionalismos literários no Caribe, como, por exemplo, as dos autores cubanos acima citados presentes no livro. A “*máquina azucarera*” (Rojo, 1989, 6), desde seus primórdios, proporcionou “*un discurso, un lenguaje*” (Rojo, 1989, 26) em que alguns de seus aspectos estiveram em constante transformação (outros não), e cujas origens literárias foram exemplarmente identificadas pelo autor em sua leitura de *Historia de las Indias*, de Bartolomeu de Las Casas, em que as “digressões” ou “ficções intercaladas” (definições de Enrique Pupo-Walker) dessa obra de Las Casas deram margem para que Benítez

Rojo as considerasse como “*muestra temprana de escritura protocaribeña*” (Rojo, 1989, 103).

A coexistência de “*antiguas dinámicas que juegan ‘de cierta manera’*” com “*formas territorializadoras externas*” (ibid., 26) por meio de supersincretismos, portanto, acabou por proporcionar processos enriquecedores que determinaram aos “*Pueblos del Mar*” ocuparem um território inevitavelmente poético, segundo Benítez Rojo, “*marcado por una estética de placer*” ou “*de no violencia*” (ibid., 28). Assim, a noção “*de cierta manera*”, ao conectar “*actuación y ritmo*”, convida à *performance* poética, diferenciada no caribenho por ocorrer “*en el marco de rituales y representaciones de carácter colectivo, ahistórico e improvisatorio*” (ibid., 22).

AÇÚCAR/ESCRavidÃO/ATUAÇÃO

Em seu importante trabalho dedicado a um gênero que adquiriu centralidade na história intelectual da América Latina e Caribe, Liliana Weinberg (2006), ao destacar a concepção do ensaio como interpretação, afirma que “*el ensayo se propone describir la realidad tal como es, pero a la vez hacer ostensible el propio punto de vista sobre ella*” (Weinberg, 2006, 194)⁶, assim dando relevo à complexidade de uma manifestação literária em que estão envolvidas questões de transparência e opacidade, texto e contexto, um adentro e um afora, “*que sólo se puede salvar desde esta perspectiva por la*

6 Reflexão que, como podemos observar no próprio estudo de Weinberg, filia-se à reflexão anteriormente proposta por Lukács em “Sobre la esencia y forma del ensayo”: “*el ensayo es un juicio, pero lo que decide su valor no es sólo el juicio, sino el proceso mismo de juzgar*” (apud Weinberg, 2006, 154).

cual sujeto y objeto no se encuentran desvinculados” (Weinberg, 2006, 194). Tomando tais considerações em termos de premissas, vejamos o quanto elas podem nos ajudar para armar um raciocínio acerca do ensaísmo de Benítez Rojo publicado nas páginas da revista *Encuentro de la Cultura Cubana* (1996-2009), sempre em cotejamento com os ensaios de *La isla que se repite*, e que cobrem um arco de tempo que vai da metade dos anos 1990 até após sua morte em 2005 com algumas publicações póstumas.

Como vimos anteriormente, a economia de Plantação no Caribe e sua tendência binária açúcar/escravidão foi identificada por Benítez Rojo como origem propiciadora de um discurso cultural que, por mais que tenha sofrido transformações no decorrer dos séculos, sem dúvida também resistiu a mudanças estruturais em termos sociais (Rojo, 1989). Em um valioso ensaio publicado no número 3 (1996/1997) da revista *Encuentro*, “La cuestión del negro en tres momentos del nacionalismo literario cubano”, Benítez Rojo mostra o quanto esse discurso, ao ser incorporado em Cuba pela formulação da ideia de nacional, inevitavelmente rompe tal concepção em duas vertentes, gerando um discurso nacional de poder ao mesmo tempo que outro discurso nacional de resistência. Partindo desde seu momento de organização discursiva (“*desde el mismo momento de su emergencia lo cubano aparece antagonizado en lo político, en lo económico y en lo social en torno al modelo de plantación esclavista*” (Rojo, 1996/1997, 9)) e atravessando no decorrer da história cubana seus momentos de implantação por meio da manifestação do tratamento do negro na literatura, o ensaio

localiza diacronicamente interessantes casos literários e avança até alcançar o próprio momento revolucionário.

O que mais chama a atenção nesse ensaio é justamente o teor crítico de Benítez Rojo, em moldes de inconformidade, em relação à incapacidade histórica de essa cisão aproximar-se de uma resolução. Ele procura mostrar que desde os primeiros questionamentos à máquina açucareira por meio de textos de intelectuais como Félix Varela, José María Heredia e José Antonio Saco, gerando desterros, prisões, rebeliões e execuções, ou por meio de romances como *Sab*, da cubano-espanhola Gertrudis Gómez de Avellaneda, e principalmente *Cecilia Valdés*, de Cirilo Villaverde, ainda que o negro em maior ou menor grau tenha passado a ser incluído no discurso nacional, a sociedade cubana seguiu dominada pelo poder açucareiro e pela violência racista. Para Benítez Rojo, inclusive, o caso de *Cecilia Valdés*, publicado em 1882, chega a ser profético, uma vez que a obra antecipa que a liberdade de Cuba não reuniria a brancos e negros e que o racismo impediria a reconciliação do cubano. E se a partir de 1959 ocorreu uma melhoria social do negro em termos laborais ou educacionais, isso foi alcançado a custo de ele ser impedido de se agrupar publicamente, de não exibir suas crenças ou de não aspirar ao poder político (Rojo, 1996/1997). Nesse sentido, o caso do escritor branco Manuel Cofiño López, autor de narrativas sobre o negro, seria o mais controverso, uma vez que ele chegaria a inscrever a *santería* como contrarrevolucionária.

Esse primeiro ensaio de Benítez Rojo publicado na revista, antes de motivar a delimitar características culturais comuns entre Cuba e o Caribe

enquanto região⁷, em realidade, provoca a observar o quanto sua abordagem acerca da questão do negro se distancia de uma sutileza discursiva presente em *La isla que se repite*, verificada mais em termos científicos de africanização da cultura (Rojo, 1989), para agora tomar contornos de responsabilização histórica. Se Arcadio Díaz Quiñones identificou nos ensaios de *La isla que se repite* o desejo do autor de se ligar a tradições como as das perspectivas pós-modernas (Lyotard) ou pós-estruturalistas (Derrida, Deleuze e Guattari) por meio de um “*largo rodeo*” pelas matrizes culturais do Caribe, tendo sido isso “*su modo de escapar y trascender el discurso autoritario de la ‘nación’ dominante en la historia moderna cubana*” (Quiñones, 2007, 3), o que se pode notar em um ensaio como “La cuestión del negro en tres momentos del nacionalismo literario cubano” agora na revista *Encuentro* é a preocupação com uma confrontação mais incisiva e direta à sociedade cubana e à repressão oficial, sobressaindo em alguns momentos, inclusive, o ponto de vista do ensaísta ao da realidade descrita (Weinberg, 2006), como, por exemplo, aquele ao final desse texto em que ele chega a prever ameaçadoramente uma “*guerra racial en Cuba*” nos moldes da Guerra de las Razas de 1912.

7 Como é possível ver por meio das reflexões iniciais do autor no capítulo 1 (“De la plantación a la Plantación”) de *La isla que se repite*, a complexidade que a recorrência da Plantação imprimiu aos vários casos caribenhos, longe de gerar leituras homogeneizantes, terminou por levar seus estudiosos a se posicionarem de distintas maneiras em torno do eixo unidade/diversidade, promovendo leituras unificadoras, diferenciadoras, ou, como ele propõe, uma leitura que detecte “*regularidades dinámicas – no resultados – dentro del des-orden que existe más allá del mundo de líneas predecibles*” (Rojo, 1989, 6).

Os dois seguintes ensaios publicados na revista *Encuentro* aos que aqui me refiro, ainda que dando prosseguimento à ocupação da questão do negro em Cuba (e no Caribe), de certa forma retornam ao tom mais “acadêmico” que sobressai em *La isla que se repite*. Primeiramente, “Música y nación: el rol de la música negra y mulata en la construcción de la nación cubana moderna”, seu segundo ensaio publicado na revista (n. 8/9, 1998), retoma a investigação sobre a formação do discurso nacional cubano intrinsecamente associado ao negro e ao mulato, eruditamente localizando inúmeras referências da primeira metade do século XX de ritmos afro-cubanos, compositores, músicos, canções e verificando inclusive sua “invasión” aos “domínios de la literatura y el arte” (Rojo, 1998, 49). É evidente a continuação do uso de traços enunciativos presentes nos ensaios de seu livro de 1989, como a noção de “interplay” (no lugar de “interação”) ou a de polirritmo (“*la música polirrítmica del son [...] que permitía a los bailaradores moverse, contonearse, girar, alejarse y estrecharse por tiempo indefinido*” (ibid., 47), esta última nos remetendo ao movimento “*de cierta manera*” proposto estrategicamente no livro. Somam-se ainda a essas evidências sua então anunciada relevância dada à música e à dança “*como las más importantes expresiones culturales de la región [del Caribe]*” e o carnaval como “*la metáfora más plena que hallo para imaginarme lo Caribeño*” (ibid., 43). Além disso, e não menos significativo, Benítez Rojo não deixa de se referir novamente a Fernando Ortiz, agora por sua preocupação com a divisão racial da sociedade cubana “*causada históricamente por la plantación*

esclavista” (ibid., 44) e o caminho do ensino da música popular proposto por Ortiz como solução para a diminuição das tensões raciais.⁸

Em “Cuba en el jazz” (n. 15, 1999/2000) – outro breve ensaio que, para usarmos a reflexão de Weinberg (2006), também estaria mais voltado a descrever uma realidade do que propriamente expressar um juízo –, Benítez Rojo busca expandir sua abordagem da cultura caribenha dessa vez voltando-se para a contribuição rítmica afro-cubana à fundação da música popular norte-americana, inscrevendo o “*fenómeno sociocultural de la criollización*” (Rojo, 1999/2000, 81) ao que mais tarde originaria o *jazz* a partir da fusão musical ocorrida sobretudo em Nova Orleans. Para o ensaísta, “*el jazz debe ser visto como un tipo de música criolla, música característica de la cuenca del Caribe donde coinciden elementos europeos y africanos acriollados*” (ibid.). Referindo-se a inúmeros músicos cubanos e norte-americanos, assim como a ritmos como *son/rumba*, *mambo* ou *latin jazz*, este ensaio é interessante pela continuidade de sua linha de ocupação com o “*supersincretismo*” da cultura caribenha em manifestações contemporâneas e a relevância da música nesse aspecto.

Os últimos ensaios aos que aqui me dedico em relação ao tema açúcar/escravidão foram publicados por *Encuentro* após a morte de Antonio Benítez Rojo no início de 2005, e em ambos voltamos a poder observar uma característica discursiva mais voltada, direta ou indiretamente, a um propósito contestador, e que ainda poderia ser vista como pincelada

8 Benítez Rojo refere-se ao discurso “La solidaridad patriótica”, de 1911, pronunciado por Ortiz a estudantes de escola pública de Havana.

por certo grau de anti-imperialismo ou anticolonialismo, como propôs Bonfiglio (2014) em suas observações sobre *La isla que se repite*. Em “El Caribe y la conexión afroatlántica”⁹ (Rojo, 2005b), sua intenção com esse ensaio é explicitada desde o princípio em conectar “*la novela que habla de la esclavitud africana, bien con ira o bien con compasión, a novelas afroatlánticas de temática semejantes*” (ibid., 46), chamando a atenção para o fato de que os primeiros romances antiescravistas tenham sido justamente escritos por mulheres em diferentes lugares, desde onde então havia escravidão, como Cuba e Estados Unidos, até impérios como Inglaterra, França e Espanha com colônias escravistas no Caribe. A partir dessa informação surpreendente, Benítez Rojo passa a descrever com entusiasmo a *Oroonoko* (1688) da inglesa Aphra Behn, *Ourika* (1823) da francesa Claire de Duras e *Sab* (1841) da cubano-espanhola Gertrudis Gómez Avellaneda, destacando o protagonismo dessas escritoras em um tempo em que ele denominou como “*verdadera época afroatlántica*” (ibid., 47).

A maior importância desse ensaio, a meu ver, reside em que Benítez Rojo, ao identificar “*una temprana retórica protofeminista enunciada en tres idiomas donde la mujer, subyugada por el poder patriarcal de la época, establece una alianza afectiva con el esclavo y reclama tanto la liberación de éste como su propia liberación*” (ibid., 53), deseja de modo explícito suprir argumentativamente um diálogo com perspectivas teóricas que visivelmente

9 Segundo Benítez Rojo (2005b), o termo “*afroatlántico*” passou a ser utilizado por John Thornton em 1992 para referir-se ao mundo diaspórico africano em ambos os lados do Atlântico, inclusive para as expressões crioulas americanas.

ganhavam cada vez mais espaço na virada do milênio, sobretudo a partir do ambiente acadêmico norte-americano, no qual ele estava mergulhado já há algum tempo. Escreve ainda o ensaísta:

[...] al estudiar estos relatos, vemos que, analizados dentro de los contextos socioeconómicos y políticos que imperaban en sus distintos lugares y fechas de publicación, no se limitan solamente a denunciar la esclavitud sino que, además, contribuyen a la formación de retóricas tanto abolicionistas como antipatriarcales que, si bien embrionarias a la luz de las teorías poscoloniales y feministas de la actualidad, deben ser objeto de seria investigación (ibid., 48).

E defende por meio de uma noção de conexão afro-atlântica, “*teniendo a la vista los discursos más agresivos de la globalización*”, o estímulo a uma verdadeira “*resistencia global*” (ibid., 53).¹⁰

O último ensaio a que me dirijo, “Azúcar/poder/texto”, em realidade, se trata da reformulação de um trabalho anterior à publicação de *La isla que se repite*, “Azúcar/poder/literatura”, publicado em 1988 por *Cuadernos Hispanoamericanos* (n. 451/452) junto com “De la plantación a la Plantación”, que, como sabemos, tornou-se um dos capítulos do livro de 1989. Apesar das alterações, o ensaio depois publicado pela revista *Encuentro* (n. 37/38, 2005) manteve o propósito de construção narrativa da história da resistência ao poder e das consequências racistas na cultura

¹⁰ Interessante também notar que nesse ensaio Benítez Rojo coloca uma extensa citação de *Cultura e imperialismo*, de Edward W. Said, autor que, segundo Quiñones (2007), ao lado de James Clifford e Stuart Hall, contribuiu para renovar os estudos coloniais e pós-coloniais e que foi pouco referido pelo ensaísta cubano ao longo de sua obra ensaística.

cubana a partir das dinâmicas escravistas da Plantação – eixo do ensaio de 1988 – mas com substanciais mudanças em sua parte conclusiva que visivelmente demonstram o interesse de Benítez Rojo em rever os objetivos políticos de seu texto, imprimindo um teor crítico inexistente no ensaio original que sem dúvida se dirige à exclusão dos afro-cubanos do projeto revolucionário.

“Azúcar/poder/texto” assim dá prosseguimento ao processo de construção do discurso nacional trabalhado em “La cuestión del negro en tres momentos del nacionalismo literario cubano”, reforçando a identificação, ao longo do processo histórico da nação, da estrutura açucareira baseada na repetição – de uma maneira geral, tanto na Cuba colonial como na Cuba republicana e na Cuba socialista (Rojo, 2005a) – dos seguintes fatores: “*la territorialización geográfica y el crecimiento tecnológico del ingenio, la monoproducción, la dependencia comercial a los mercados extranjeros y la importación, contratación o movilización de mano de obra barata*”, proporcionando como consequências na sociedade a constante “*discriminación y violencia racial*”, a repetição de “*gobiernos autoritarios*”, a “*represión policial, la corrupción político-administrativa y la alianza comercial, financiera y militar con las potencias importadoras de azúcar*” (Rojo, 2005a, 96).

A partir dessa constatação determinante para a construção da identidade cubana associada ao açúcar, passa a narrar o conseqüente surgimento do discurso de resistência nacional ao poder da máquina açucareira por intelectuais como Varela e Heredia, e de espaços de resistência como a

Revista Bimestre Cubana e a Academia Cubana de Literatura protagonizados por nomes como José Antonio Saco, José de la Luz y Caballero e Domingo del Monte, ainda que tal inconformismo e desejo de implantação de uma política reformista por esses intelectuais não estivessem isentos de um explícito racismo e, segundo eles, necessário branqueamento da nação (Rojo, 2005a). De uma forma geral, esse novo ensaio mantém-se como uma fundamental contribuição à narrativa histórica dos discursos de resistência em Cuba, mas seu diferencial dessa vez consiste em que ele termina traçando uma trajetória dos focos de resistência literária dentro dos períodos republicano e socialista (Grupo Minorista, revista *Social*, *Revista de Avance*, *Lunes de Revolución*, Congreso de Educación y Cultura, Heberto Padilla, Raúl Rivero), assim fazendo uma associação ao momento presente de sua revisão (“*habría que tener en cuenta que la censura oficial y el exilio político, desde los tiempos coloniales hasta la actualidad, han sido prácticas casi continuas en la historia de Cuba*” (ibid., 108) e concluindo com a necessidade de se realizar uma reunião da enorme quantidade de “*libros, folletos, publicaciones periódicas, documentos, cartas y otras letras*” dessa resistência que poderiam compor uma verdadeira “*Biblioteca Democrática*” com materiais produzidos dentro e fora de Cuba (ibid., 108-109).

Como notamos principalmente com esses dois ensaios divulgados postumamente, mas também com o primeiro do escritor publicado na revista *Encuentro* aqui observado, é possível sugerir um maior envolvimento de Benítez Rojo com a causa antirracista em termos de dedicação investigativa e desenvolvimento de reflexões críticas etnológicas

ou históricas, algo que nos levaria a indagar pelos motivos que o teriam levado a adotar uma postura mais austera (e, inclusive, “revisionista”, como vimos em “Azúcar/poder/texto”) em relação aos vínculos com seus objetos de estudo por meio desses ensaios. De qualquer maneira, uma conclusão mais cabal a esse respeito certamente exigiria uma ocupação ampliada à sua completa obra ensaística.

PASSADO INSULAR E RESISTÊNCIA

Se retornarmos a Quiñones (2007) e a Bonfiglio (2014), notaremos que, no fundo, o que os difere argumentativamente acerca do discurso ensaístico de Antonio Benítez Rojo em *La isla que se repite* reside na maneira como o cubano manteve sua ligação com um passado insular que sabemos ter sido o de um intelectual atuante¹¹ no interior do que era proporcionado pelo sistema cultural revolucionário: enquanto por um lado Quiñones enxerga no ensaísta um desejo de se distanciar de “*la nación heroica celebrada por su Revolución*” (Quiñones, 2007, 6), filiando-se em termos de teoria filosófico-literária a outras tradições para se dedicar a estudar o Caribe (e não propriamente Cuba), algo que o “*permitía iluminar las zonas veladas tanto por el discurso nacionalista de ‘lo cubano’ como por el ‘hombre nuevo’ del socialismo*” (Quiñones, 2007, 6); por outro lado Bonfiglio percebe um gradual interesse de Benítez Rojo de se desprender de seus “*desvíos caóticos*” e “*derivas ‘post’*”, como, por exemplo, ao suprimir o subtítulo “El Caribe

11 Benítez Rojo foi editor-chefe de *Casa de las Américas* e trabalhou em seu Centro de Estudios del Caribe, além de ter sido um dos organizadores da *Carifesta* (1978-1979).

en la perspectiva posmoderna” da “*edición definitiva*” de 1998 ou extrair a “Noticia bibliográfica sobre caos” da segunda edição em inglês de 1996, perguntando-se “*si el rizoma que gana terreno en La isla que se repite no acusa de cualquier manera (‘de cierta manera’) un particular origen insular, si sus raíces no se aferran más fuertemente a la tradición local en la que el ensayista se forjó: la Cuba revolucionaria [...]*” (Bonfiglio, 2014, 25).

Na resenha também citada no início deste artigo, Jesús Díaz – a quem Benítez Rojo dedica um afetivo texto, “Jesús en dos momentos” (Rojo, 2002), logo após a morte do diretor de *Encuentro*, relatando passagens de sua longa amizade – afirma que Benítez Rojo “*no fue un intelectual orgánico del régimen (al estilo de Roberto Fernández Retamar, por ejemplo)*” (Díaz, 1999, 213); e se somarmos a tal testemunho o do escritor cubano Carlos Victoria em seu texto “Cuentos de una isla que se repite” publicado na homenagem de *Encuentro* a Benítez Rojo, ao dizer que Benítez Rojo representava aos jovens narradores dos anos 1960 uma “*tercera opción entre la sumisión y la disidencia*” (Victoria, 2001/2002, 20); tais relatos nos levariam a construir uma imagem do intelectual atuante mas discreto, e que buscou se manter distante de polêmicas políticas, algo reforçado pela entrevista dada por ele à mesma revista *Encuentro* em “Antonio Benítez Rojo entrevistado” (Rojo, 2001/2002). Por meio da caracterização dessa imagem um tanto circunspecta advinda de aspectos de sua personalidade como intelectual (vale recordar que ele deixou Cuba para o exílio nos Estados Unidos aos 49 anos, ou seja, em maturidade), não me parece tão simples categoricamente afirmar que sua relação política com o passado

insular pudesse ditar ideologicamente as perspectivas teórico-críticas predominantes em *La isla que se repite*.

Portanto, voltemos ao livro e busquemos apoio nos ensaios de *Encuentro* aos que aqui nos dedicamos, ou ainda em outras referências. Por exemplo, novamente me parece importante reafirmar que em *La isla que se repite* Benítez Rojo consagra uma enorme atenção a dois autores estratégicos para a Revolução: Nicolás Guillén e Alejo Carpentier. Como cubano, dificilmente ele poderia encontrar outros casos literários tão férteis para seu tratamento da Plantação e da escravidão africana como instituições que melhor definem o Caribe, uma vez que as obras de ambos oferecem, enquanto discurso/linguagem, vasto território poético. Afirma o ensaísta no capítulo “Nicolás Guillén: ingenio y poesía”: “*con Guillén, irrumpe en la poesía cubana una voz que, si bien ya presente en el discurso de resistencia, llena ahora un espacio decisivo y novedoso que contribuye a radicalizar dicho discurso*” (Rojo, 1989, 116). Também é possível verificar, agora em um breve texto em tom de testemunho, “Notas personales sobre *El peregrino en su patria*”, sua admiração pelo ponto de vista pós-estruturalista usado por Roberto González Echevarría para discutir a obra de Carpentier em seu livro publicado em 1977, além de confessar: “*Hoy ya no tanto, pero entonces Carpentier era para mí un escritor muy especial, quizás único*” (Rojo, 2004, 39).

O que pretendo dizer com o parágrafo anterior é que, sim, mesmo no exílio o passado insular para Benítez Rojo não era qualquer coisa desprezível que exigisse uma espécie de “tábula rasa” ou recomeço que negasse todo o

seu repertório de conhecimento literário cubano. Porém, devo concordar com Quiñones que a busca de Benítez Rojo por uma atualização conceitual em termos de interpretação literária de fato condiz com um projeto de mudança, realmente com possíveis vistas à academia norte-americana, a partir da nova condição a que estava submetido o ensaísta cubano no exílio. Nesse sentido e em concordância com essas duas afirmações que acabo de fazer, vale observar o quanto em *La isla que se repite* “*La Plantación y la Utopía son los temas principales de sus ensayos*” (Quiñones, 2007, 2), como bem afirmou Quiñones, resultando ser a expressão “*de cierta manera*” a chave cultural para Benítez Rojo, verdadeira “*afirmación utópica de las islas*”, onde Cuba “*era una isla entre muchas otras, ni épica, ni trágica*” (Quiñones, 2007, 6). Também creio ser pertinente constatar com Bonfiglio que durante os anos 1990 houve uma natural revisão por parte do ensaísta de suas convicções teórico-críticas, inclusive, como notou a pesquisadora nas considerações do autor ao final da “*edición definitiva*” de 1998, com o intuito de deixar de se vincular tão explicitamente à corrente pós-moderna como perspectiva “*ajena*” (Bonfiglio, 2014, 25).¹² Tal movimento poderia ser até tomado como previsível se lembrarmos

12 Ainda que, em um ensaio publicado na Espanha em 2000, “*Reflexiones sobre identidad nacional y globalización cultural*”, seja possível atestar o quanto elaborações pós-modernas ainda permeavam seu pensamento crítico (Rojo, 2000). Também se nota isso em seu ensaio “*La cultura cubana hacia el nuevo milenio*”, publicado em *Encuentro*, n. 20, 2001, em que ele afirma: “*De una parte, el pensamiento posmoderno y el proceso de globalización impulsarán las expresiones artísticas hacia afuera; de la otra, el principio de conservación, inherente a todo cambio cultural, las sujetarán a la tradición. En este estira y encoge es muy probable que se produzca lo que se llamaría entonces el ‘nuevo arte cubano’, la ‘nueva literatura cubana’*” (Rojo, 2001, 78).

como Benítez Rojo, também no livro, chega a dizer: “*La cultura es un discurso, un lenguaje, y como tal no tiene principio ni fin y siempre está en transformación, ya que busca constantemente la manera de significar lo que no alcanza a significar*” (Rojo, 1989, 26), fato que seguramente o levaria a também ter consciência da necessidade de mudanças das perspectivas conceituais utilizadas para a interpretação das manifestações culturais.

Por outro lado, e assim o coloco em forma conclusiva, parece-me difícil concordar que o passado insular de Benítez Rojo tenha interferido para que ele se submetesse a um desprendimento do intelectualismo pós-moderno e o impulsionasse a abraçar uma vertente “*antiimperialista y anticolonialista*” nos moldes de um ideal revolucionário (Bonfiglio, 2014, 26). Como vimos nos ensaios publicados em *Encuentro de la Cultura Cubana*, seu interesse em traçar uma história da resistência intelectual cubana ao poder por meio da questão social, cultural e econômica da presença do negro a partir da Plantação de forma alguma isenta o regime socialista das implicações excludentes do negro em Cuba. O próprio teor aguerrido que aflora desses textos em algumas ocasiões procura trazer para o momento presente ao de sua escrita a responsabilidade política do regime revolucionário ao não propor reais mudanças para a condição do negro na sociedade do país. Nesse sentido, torna-se evidente o intuito de atuação e interferência no contexto atual a revisão textual que resultou no ensaio “Azúcar/poder/texto”. Seguindo o raciocínio de Liliana Weinberg (2006) sobre o ensaio enquanto gênero literário, creio que poderíamos afirmar por meio desses ensaios de Benítez Rojo que houve uma maior aproximação dos vínculos do

“sujeito” com o “objeto”, e essa foi, a meu ver, a maneira que ele encontrou para dar sua contribuição ao prosseguimento da resistência intelectual de sua ilha caribenha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bonfiglio, Florencia. “El ensayo que se repite o el Caribe como *lugar-común* (Antonio Benítez Rojo, Édouard Glissant, Kamau Brathwaite)”. In: *Anclajes*, 18-02, 2004, 19-31. Disponível em: <https://bit.ly/2KtzsV1>. Acesso em 21 fev. 2019.
- Díaz, Jesús. “La clave de un gran universo literario”. In: *Encuentro de la Cultura Cubana*, 12/13, 1999, 213-214.
- Díaz Quiñones, Arcadio. “Caribe y exilio en *La isla que se repite* de Antonio Benítez Rojo”. In: *Orbis Tertijs*, 12-13, 2007, 1-17. Disponível em: <https://bit.ly/2GSR5wu>. Acesso em 21 fev. 2019.
- Benítez Rojo, Antonio. “Azúcar/poder/literatura”. In: *Cuadernos Hispanoamericanos*, 451/452, 1988, 195-215.
- Benítez Rojo, Antonio. *La isla que se repite: el Caribe y la perspectiva posmoderna*. Hanover: Ediciones del Norte, 1989.
- Benítez Rojo, Antonio. “La cuestión del negro en tres momentos del nacionalismo literario cubano”. In: *Encuentro de la Cultura Cubana*, 3, 1996/1997, 78-85.
- Benítez Rojo, Antonio. “Música y nación: el rol de la música negra y mulata en la construcción de la nación cubana moderna”. In: *Encuentro de la Cultura Cubana*, 8/9, 1998, 43-54.
- Benítez Rojo, Antonio. “Cuba en el jazz”. In: *Encuentro de la Cultura Cubana*, 15, 1999/2000, 81-85.
- Benítez Rojo, Antonio. “Reflexiones sobre identidad nacional y globalización cultural”. In: Plotkin, Mariano Ben; Leandri, Ricardo González (org.). *Localismo y globalización: aportes para una historia de los intelectuales en*

Iberoamérica. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas: Instituto de Historia, 2000, 47-53.

Benítez Rojo, Antonio. “La cultura cubana hacia el nuevo milenio”. In: *Encuentro de la Cultura Cubana*, 20, 2001, 75-79.

Benítez Rojo, Antonio. “Entrevisto por *Encuentro*”. In: *Encuentro de la Cultura Cubana*, 23, 2001/2002, 9-15.

Benítez Rojo, Antonio. “Jesús en dos momentos”. In: *Encuentro de la Cultura Cubana*, 25, 2002, 96-97.

Benítez Rojo, Antonio. “Notas personales sobre *El peregrino en su patria*”. In: *Encuentro de la Cultura Cubana*, 33, 2004, 39-42.

Benítez Rojo, Antonio. “Azúcar/poder/texto”. In: *Encuentro de la Cultura Cubana*, 37/38, 2005a, 94-109.

Benítez Rojo, Antonio. “El Caribe y la conexión afroatlántica”. In: *Encuentro de la Cultura Cubana*, 36, 2005b, 45-53.

Victoria, Carlos. “Cuentos de una isla que se repite”. In: *Encuentro de la Cultura Cubana*, 23, 2001/2002, 19-21.

Weinberg, Liliana. *Situación del ensayo*. México: Unam, 2006.